

Cartografias Inventivas

LUZ, Larissa dos Santos
Instituto Federal Sul-rio-grandense
larissaluz93@gmail.com
FARINA, Cynthia
Instituto Federal Sul-rio-grandense
cynthiafarina@pelotas.ifsul.edu.br

Palavras-chave: Formação Ecosófica, Cartografia, Filosofias da Diferença.

Introdução

Com início no Grupo de Pesquisa Educação e Contemporaneidade: Experimentações com Arte e Filosofia - EXPERIMENTA, no Mestrado Profissional de Educação e Tecnologia do IFSul - Campus Pelotas, esse estudo buscou investigar os processos de formação através do método cartográfico proposto por Gilles Deleuze e Félix Guattari, com orientação de Cynthia Farina e Roselaine Albernaz.

A partir de relatos de alunos tecidos durante o Seminário Práticas de Si e Outras Artes, ministrado pela prof. Dra. Roselaine Albernaz no segundo semestre de 2012, e apoiando-se nas Filosofias da Diferença, procurou-se averiguar uma possível *Formação Ecosófica* (ALBERNAZ, 2011) em seus processos de formação. O conceito de Formação Ecosófica foi baseado na ideia de Ecosofia de Félix Guattari, que propõe uma articulação entre os saberes mental, social e ambiental, para indicar uma possibilidade de formação inventiva na contemporaneidade.

Com base nessa trama de estudos, anotações e investigações, foi desenvolvida essa escrita que destaca as experimentações vividas durante o seminário, verificando, através da articulação com o referencial teórico, a potência da Formação Ecosófica na formação docente. Transitando entre diversos campos como arte, filosofia e ciência, foi possível relatar alguns dispositivos que tornaram possíveis essa formação durante os seminários, os encontros do Grupo de Pesquisa e, ainda, em minhas experiências acadêmicas como bolsista nas atividades da Iniciação Científica e no curso Bacharelado em Design. Essas investigações se dão nos processos de formação dos alunos do MPET e em minha formação como bolsista, constituindo uma trama de experiências que afetam alunos e professores, o coletivo e o individual, os territórios físicos e conceituais.

Metodologia

A cartografia, apesar de um método de pesquisa, constitui um território no qual as experiências e os acontecimentos abrem novas perspectivas e caminhos dentro da pesquisa. *A cartografia parte do reconhecimento de que, o tempo todo, estamos em processos, em obra* (KASTRUP, 2009, p.73), portanto, vai se tecendo junto com as vivências do cartógrafo. Observar os acontecimentos possíveis dentro de uma pesquisa é vivenciar um rizoma cheio de linhas.

Os filósofos Félix Guattari e Gilles Deleuze definiram o conceito de rizoma como um conjunto de linhas articuláveis. Essas linhas traçam e atravessam esse caminho cartográfico. No livro *Mil Platôs* (Vol. 1, 2000), Deleuze e Guattari nomearam essas linhas como molares, moleculares e de fuga. A linha molar diz respeito ao território firme e seguro que vivemos na maior parte do tempo, diz respeito as nossas atividades diárias. A

linha molecular se compõe por pequenas rachaduras, brechas que podem nos provocar outros modos de viver. A linha de fuga é um processo que desfaz o sujeito e que pode causar sensações desconhecidas, talvez ambíguas, nos inquietando de alguma maneira.

O caminho cartográfico se transforma a partir das experiências e é assim que são traçadas diversas possibilidades de vida, de escolhas... Durante este processo, inúmeras sensações podem alterar nossa percepção diante de uma situação. Experiências com dança, livros, filmes, podem ter suficiente força para transformar nossas ideias e pensamentos.

Segundo Jorge Larrosa (2002, p. 24), a experiência quando acontece, não nos deixa ilesos, nos *afeta de algum modo, produz alguns afetos, inscreve algumas marcas, deixa alguns vestígios, alguns efeitos*. É diante de uma experiência que saímos de um território comum para uma possível mudança. A experiência é uma movimentação dentro de um corpo, é um abalo que nos toma em singularidade, sendo sempre única. É uma sensação que nos desestrutura, que nos reconstrói a partir dos efeitos e afetos causados. Ao contrário de um discurso que se reproduz, é um acontecimento único, sendo uma construção de subjetividade.

O mesmo ritmo acelerado que nos demanda uma conexão com o mundo, é o que pode nos afastar de uma experiência, pois muitas vezes essa conexão se dá por meio de informações rasas. Sabemos o que se passa em outros continentes em segundos, escutamos discursos e formulamos opiniões, e enquanto coletamos essas 'verdades' efêmeras, é provável que nada nos passe, nos atravesse (Larrosa, 2002). Uma experiência intensiva não se dá em um chão de certezas, opiniões e informações. Não é possível agendar como, quando e onde uma experiência vai acontecer, e em um ritmo de vida onde tudo é previsto, é improvável que tenhamos uma sensação que nos afete, nos transforme. Segundo Larrosa, um acontecimento depende de uma desaceleração, uma pausa.

Durante os seminários, reuniões do grupo de pesquisa e aulas do curso de Design, a atenção à esses acontecimentos permitia relatar em escritos as diversas articulações que tramávamos em cada conversa. Os conceitos a serem descobertos por nós, alunos, transitavam em diversas situações, não só nos poucos metros quadrados das salas de aula. Quando nos reuníamos, as conversas fluíam entre conceitos e acontecimentos que, pouco a pouco, criavam questionamentos e problematizações nos projetos de pesquisa de cada um. Esse espaço coletivo que habitamos era também existencial, e ao passo que caminhávamos entre essas relações de força, construíamos os espaços onde a inquietação de cada um ganharia potência.

Resultados e discussão

Ao longo dos seminários e encontros, as discussões conceituais - que até pouco me eram desconhecidas - foram causando inquietações que atravessavam diversos espaços do meu cotidiano, como as aulas de Design. Tentei, em vão, separar esses caminhos, até perceber que não havia como linearizar esse processo rizomático. Os efeitos dessas experiências nos impulsionam a caminhos não previstos.

Após frequentar o Seminário Práticas de Si e Outras Artes e participar do Seminário Práticas de Pesquisa no Mestrado Profissional de Educação e Tecnologia do IFSul - Campus Pelotas, muitas linhas se movimentam entrelaçadas. Depois de observar, desconstruir, relatar e tecer palavras – minhas e dos alunos envolvidos –, percebo que os caminhos cartográficos da formação ecosófica construíram um espaço que é real e coletivo.

Esses *novos modos de operar com a natureza, com a sociedade e consigo mesmo*, como Roselaine Albernaz (2011, p. 200) define o conceito de formação ecosófica, permite

pensar em processos de formação e produção de saberes que ultrapassam a representação, a cópia, a metodologia fechada e inquestionável. Essas novas formas de pensar, codificar e até mesmo inventar mundos, possibilita que cada aluno atue como cartógrafo de sua própria formação. Mas para que isso aconteça, é necessário que se abra pequenas brechas, buracos, como explica Albernaz:

É preciso um deslocamento do corpo de um professor que deseje experienciar a Formação Ecosófica. Ele necessita estar atento a outros campos de saberes, como a arte e a filosofia. Também não pode se esquivar de uma atenção ao próprio corpo que experiencia. Mas essa atenção deve ser ainda mais abrangente. As percepções em seu corpo devem tocar nos seus modos de vida. É essa atenção, essa escuta a esses modos, que possibilita a problematização do que se é e do mundo em que se vive. Para dar conta de tudo isso, o professor terá de desprender-se das formas convencionais e fixas de pensar a formação. O mesmo vale para a sua atuação. Seu olhar deve oscilar permitindo descrever, ou duvidar, de algumas verdades já dadas, ficando atento ao acaso favorável, ao que lhe acontece, ao inusitado que se apresenta, ao sem sentido que lhe abate. (ALBERNAZ, 2011, p.200)

Nesse longo processo de descobertas, cada encontro entre orientadores e orientandos que tive a oportunidade de observar mostrava-se como um convite a abrir brechas nas formas convencionais de pensar, das quais já nos encontrávamos saturados. Àqueles que se permitiram arriscar, as linhas começaram a se tramar em diferentes processos. A impressão era de que cada certeza que carregávamos como fardo, era substituída por questionamentos e problematizações: algo que, porém, não parecia um tiro no escuro, pois tínhamos vários apoios: leituras, encontros, escritas, conversas... Ao passo que traçávamos caminhos, acumulávamos invenções leves e mutáveis. Assim, nos apoiávamos coletivamente, até que nos sentíssemos seguros a dar passos maiores. A medida que aprendíamos a lidar com todas as novidades que essa formação nos propunha, íamos (des)construindo e (trans)formando as nossas pesquisas. Com o tempo, foi possível notar: esse espaço conceitual e existencial, que antes era pequeno, inseguro e fixo, foi se transformando em um espaço que ultrapassa as barreiras do convencional. Um espaço que não tem limites físicos, teóricos, metodológicos. Um espaço que não pode ser delimitado, medido ou fechado.

Considerações finais

Durante essa aventura cartográfica, nesse espaço que ocupamos, muito se pensou sobre ética, estética, política. Arte, ciência e filosofia. Mas ao invés de separarmos essas órbitas, como se cada uma coexistisse como linhas paralelas que não se tocam, provocávamos choques entre elas. Na busca de entendermos *como chegamos a ser quem somos*, e *o que pode um corpo* (respectivamente, os dois eixos problematizados no Seminário Práticas de Si e Outras Artes), os alunos buscavam possibilidades de fugir do comum, para se permitirem inventar novos modos de ser professor, em um exercício de liberdade.

Nessa rede de forças e poderes, percebemos que a educação não se dá em dois lados de um campo de batalhas dualista, numa guerra entre bem e mal. Aos poucos nos livrávamos desse discurso e passamos a enxergar essa trama de relações como ela realmente é: complexa e repleta de forças. Depois dessas experiências intensivas, voltamos ao território comum, à normalidade, mas algo em nós muda.

Assim, esses experimentos cartográficos seguem movimentando linhas, curvando retas. E a sensação é a mesma de Palomar, personagem de Italo Calvino que, com nome

de um famoso observatório, age como um telescópio ao contrário: *mais do que afirmar sua verdade ele gostaria de fazer perguntas* (CALVINO, 1983, p. 95.). As perguntas e inquietações não acabam simplesmente. As linhas e rabiscos de pensamento seguem invadindo territórios nunca explorados, pintando de desassossego os cantos por onde passam. E o exercício de cartografia se expande para todos os lados e planos, deixando ser apenas um exercício de escrita, para se tornar um meio de entender essas inquietações. E, com ainda mais perguntas, essa experiência de formação ecosófica que se deu em alguns metros quadrados do Mestrado Profissional de Educação e Tecnologia do IFSul - Campus Pelotas, continua se expandindo em cada projeto e qualificação, em cada futuro mestrando que, na reta final desse processo acadêmico, sente-se provocado a estender essas linhas ensaiadas em diversos campos.

Referências

ALBERNAZ, Roselaine. *Formação Ecosófica: a cartografia de um professor de matemática..* Programa de Pós-Graduação em Educação Ambiental da Universidade Federal do Rio Grande, Rio Grande, Br, 2011.

CALVINO, Italo. Palomar. São Paulo: Companhia das Letras, 1994.

DELEUZE, Gilles. GUATTARI, Félix. Mil Platôs: capitalismo e esquizofrenia. Volume 1. São Paulo: 34, 2004.

KASTRUP, V.; BARROS, R.B. Movimentos-funções do dispositivo na prática da cartografia. In: PASSOS, E.; KASTRUP, V.; ESCÓSSIA, L. (Orgs.). Pistas do método da cartografia: pesquisa-intervenção e produção de subjetividade. Porto Alegre: Sulina, 2009.

LARROSA, Jorge. Notas sobre a experiência e o saber de Experiência. Revista Brasileira de Educação, Jan/Fev/Mar/Abr 2002 , nº 1.